

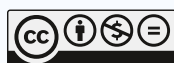
* Teóloga, professora, doutora e mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Química e Pós-Graduada em Bioquímica. Membro e pesquisadora da Rede Latino-Americana de Estudos Pentecostais (RELEP) pesquisadora do Fenômeno do Protestantismo e Pentecostalismo Brasileiro. Membro e pesquisadora do Grupo de Pesquisa Teologia no Plural. Cooperadora como pesquisadora com o Instituto Tecnológico Social (ITS), uma ONG hispano-brasileira atuando em Guiné Bissau desde 2010. Compõem junto a outros, a diretoria da ONG OIKOS, Escola da Vida. Tem trabalhado com missionária no Brasil, Peru, Espanha, Portugal e Guiné Bissau.

Email: prof.angela.maringoli@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-1844-6492>

Recebido em 29/07/2023

Aprovado em 22/10/2023



O DEUS QUE AGE NAS FRONTEIRAS SOCIAIS DO HUMANO

A narrativa bíblica e as questões
sobre gênero

THE GOD WHO ACTS ON THE SOCIAL BORDERS OF THE HUMAN

The biblical narrative and questions
about gender

Ângela Maringoli*

Resumo: O artigo quer refletir o encontro de Jesus com uma mulher do povo que vivia em Samaria. Apesar das diferenças sociais a samaritana foi ousada ao entabular uma conversa com um homem judeu. O recorte está no Evangelho de João no capítulo 4 que apresenta algumas mulheres que atuaram ao lado de Jesus como protagonistas em algumas narrativas do Evangelho. A narrativa bíblica aborda questões interessantes sobre gênero, segregação, preconceito racial e religioso. A perícopes aborda a vida das mulheres das províncias da capital de Samaria em específico “a mulher samaritana” texto bastante conhecido no meio cristão. Releitura de textos antigos é sempre um processo investigativo que busca por preciosas descobertas que ao serem encontradas serão usadas na história presente. Entre essas pepitas encontramos as ações restauradoras de Jesus, o Deus encarnado. Desprezado e sofrido vivia na marginalidade da sociedade de sua época com um *status quo* semelhante ao da personagem samaritana. Mulher determinada em esclarecer suas dúvidas religiosas ela é cativada por Jesus, tornando-se discípula e missionária.

Palavra-chave: Samaria. Mulher Samaritana. Evangelho. Jesus.

Abstract: The article wants to reflect the encounter of Jesus with a woman of the people who lived in Samaria. Despite the social differences the Samaritan woman was daring to engage in conversation with a Jewish man. The cut is in the Gospel of John in chapter 4 that presents some women who acted alongside Jesus as protagonists in some Gospel narratives. The biblical narrative addresses interesting questions about gender, segregation, racial and religious prejudice. Pericope addresses the life of women in the provinces of the capital of Samaria in specific “the Samaritan woman” text well known in the Christian milieu. Rereading of ancient texts is always an investigative process that seeks for precious discoveries that will be used in present history. Among these nuggets we find the restorative actions of Jesus, the incarnate God. Despised and suffering he lived in the marginality of society of his time with a status quo similar to that of the Samaritan character. Woman determined to clarify her religious doubts she is captivated by Jesus, becoming a disciple and missionary.

Keywords: Samaria. Samaritan Woman. Gospel. Jesus;

INTRODUÇÃO

Os samaritanos eram um povo segregado por parte dos judeus e das autoridades religiosas. Os judeus e samaritanos eram inimigos de longa data antes mesmo de Judá ir para o exílio babilônico. Devido aos acontecimentos históricos e a miscigenação de Samaria após a invasão militar dos assírios e da implantação da política devastadora de dominação aplicada pelos bárbaros assírios aos povos da região de Samaria. Os assírios invadiram o Norte do país de Israel, dominaram a cultura, a religião, os costumes, levaram os homens como prisioneiros de guerra e subjugaram as mulheres em atrocidades, gerando filhos bastardos durante a tomada e queda o reinado do rei Jereboão II (722 a. C.).

A tradição oral preservou os textos e as memórias que através de testemunhos oculares evocam o passado do cristianismo. Jesus, mestre e rabino interagindo com o dia a dia das comunidades entra em cena, quando ao conversar com a mulher, desconstrói as barreiras culturais, étnicas e religiosas fomentadas pelos judeus a respeito dos samaritanos. O diálogo entre Jesus e a mulher samaritana, que no texto é apresentada sem uma identidade ou nome, acontece em meio ao nada, em um poço onde costumeiramente as mulheres das aldeias, caravanas e viajantes paravam para beber água.

Na narrativa da “mulher samaritana” houve uma recuperação identitária através de uma conexão entre ensinamentos de Jesus com a realidade cultural da mulher uma história da relação entre dois povos. Jesus, em terras carregadas de séculos de história, guerras, lutas, mortes e derrotas. Samaria e o monte Geresim considerado o local sagrado para os samaritanos. Para os povos antigos se dirigirem a locais sagrados era comum essa atitude de adorar, faz parte do diálogo de Jesus com a mulher samaritana. Jesus desconstrói quando ensina que adorar a Deus em Espírito é mais importante que estar em um local geográfico.

1 ESTRANGEIROS EM ISRAEL

Em Israel os estrangeiros eram divididos em dois grupos. O primeiro são os de passagem, aqueles que usufruem da hospitalidade, porém não são protegidos pela lei e o segundo são os estrangeiros residentes em Israel chamados de *geri* e esses sim contavam com a proteção da lei. O *geri* era o estrangeiro vivia estável em meio à comunidade e usufruía de certos direitos. Ele era menos associado social e religiosamente. Abraão foi um *geri* em Hebron (Gn 23,4), Moisés em Mídiã, (Ex 22) 87 e Elimeleque era um homem de Belém, que foi com sua família se estabelecer como *geri* em Moabe (Rt 1,1). Moabe (Rt 1,1). O redator retrata os estrangeiros em Moabe (Rt 1,1) como uma alusão ao patriarca Abraão o arameu que se tornou o pai de muitas nações, em especial a dos hebreus). Bom lembrar que Rute a moabita é descendente de Ló. Os moabitas serviam ao deus Milcon (de Camos) mas Rute tem um encontro com o Deus de Noemi sua sogra.

1.1 O Ritual das Águas - Batismo na religiosidade judaica

João 4 inicia com Jesus se retirando do ajuntamento de fariseus porque não desejava participar do embate entre os judeus religiosos e os discípulos sobre a questão do batismo. Se evidencia uma discussão sobre o número de batizados de Jesus sendo superior aos de João Batista (cf. Jo 4,1). O que se questiona é se o batismo praticado por Jesus é lícito ou não. E o autor alerta que Jesus não era quem batizava, mas os seus discípulos.

Jesus, esquivando-se da conversa, se dirige a caminho da Judéia em direção para a Galileia. Por que naquele momento do embate entre fariseus e discípulos Jesus não quis reagir teologicamente e discorrer a respeito significado do rito do batismo? Por que os

grupos religiosos dos fariseus se encontravam por perto daquele local? Talvez a resposta seja porque essa seria uma discussão em torno dos costumes culturais judaicos sobre a lei mosaica ou a respeito da maneira com a qual o batismo era praticado pelos povos antigos.

O batismo é um ritual religioso com lavagens cerimoniais feitas por imersão nas águas purificadoras. Para a religião judaica o batismo significava a conversão do paganismo para o judaísmo. O rito era praticado uma única vez. João Batista, o profeta, ao batizar, pregava o batismo e o arrependimento aos não judeus para que esses se convertessem ao judaísmo e obtivessem o perdão dos pecados, anunciando que o Reino de Deus estava próximo. O batismo não era um ritual comum, havia no rito a intencionalidade de que o pecador durante o momento libertário do batismo entendesse que existia nele necessidade de uma mudança em sua “atitude mental” e que era necessário ao pecador convergir para uma direção correta que o levasse ao encontro de Deus. João Batista queria dizer aos povos judeus e não judeus, que era necessário que todos eles se batizassem para o perdão e arrependimento dos pecados. O que poderia soar ofensivo aos ouvidos religiosos, onde dominava a crença entre eles sobre salvação única para os judeus por serem o único povo nascido sobre a Lei de Deus. João Batista apregoava que todos que quisessem vir a Deus deveriam se batizar. Prevendo que uma longa discussão religiosa o aguardava e que para aquele momento essa conversa seria pouco proveitosa faz com que Jesus se retire do ambiente religioso farisaico para priorizar sua saída do território da Judéia em direção à Região da Galileia. Chegando à Samaria onde inicia um diálogo sobre águas batismais e arrependimento, outras paragens com outros ouvintes. Jesus priorizara falar sobre o Espírito da Verdade, aquele que liberta (Jo 4,1-41).

Jesus o Senhor, é o Kyrios, que controla os acontecimentos decidiu que era necessário ir à Samaria por um caminho não costumeiro que margeava o Rio Jordão, ele mudou a rota e mudou de espaço geográfico, porém a conversa e o ensino continuam sendo o mesmo, libertar os cativos, fracos e oprimidos. Jesus é recebido na Galileia. João, o apóstolo, testemunha ocular do episódio, fornece informações para que o leitor construa em sua mente o ambiente onde a cena da chegada da mulher samaritana ao poço e Jesus lhe pede água para beber.

A água ainda era o tema central. Logo, inicia a conversa entre Jesus e a mulher e o tema da água viva. O preconceito dos discípulos os endurecia e os cegava. Jesus cruza fronteiras geográficas - culturais rígidas e se dirige em direção ao itinerário que para Ele era necessário. Necessário me é passar por Samaria, diz Jesus. Por que me é necessário? Necessário fazer o que nessas paragens? Por que não ir para a Galileia pelo caminho tradicional seguindo pela Transjordânia? Para que complicar? Por que ir por uma rota onde gente desinteressante cruzaria o caminho? Jesus escolhe a rota mais difícil é a que o dirige para a sua missão de reconciliar a humanidade, é a nova aliança que nasceu durante o casamento que ficou conhecido nos textos bíblicos como as Bodas de Caná que é aplicada, Jesus tinha que passar por Samaria (4,4). O manancial citado nesse versículo mais tarde ficou conhecido na história como o “poço de Jacó”. A localização do poço de Jacó ficava perto dessa aldeia que no tempo de Jesus chamava-se Sicar onde ficava o terreno que Jacó deu ao seu filho José e que nos tempos de Jacó tinha o nome de Siquém, atual Nablus, localizada entre os montes Gerizim e Ebal, região de Samaria, ficou sendo a capital do Reino do Norte (Israel ou Samaria), quando as tribos de Israel se dividiram em duas nações na época dos sucessores do rei Salomão. O texto busca fazer o leitor lembrar que a terra é dos herdeiros de Jacó.

Concluído o diálogo a mulher se dirige para avisar aos de sua aldeia que havia conhecido um profeta. Enquanto a mulher corre euforicamente para avisar os seus

conterrâneos sobre a presença do Messias entre eles os samaritanos, Jesus aproveita para entabular uma conversa com ensino com os discípulos, que não estavam entendendo o que se passara ali e menos ainda do porquê o mestre, um judeu se dirigira a uma mulher samaritana em assunto e prosa.

2 DIREITOS LEGAIS DA MULHER NO MUNDO ANTIGO

Na época patriarcal, o costume do casamento era monogâmico e o homem possuía somente uma mulher igual como foi no início, no relato da criação onde os casamentos eram monogâmicos (Gn 2,21-24). Abraão possuía apenas uma mulher. Nos escritos históricos, encontram-se as mulheres, principalmente no papel de mãe, que ensinavam e nutriam o continuar da história do povo e mesmos as que assumiam o papel de esposa e ajudante de seu marido. Os patriarcas seguiam os mesmos costumes do oriente e dos seus ambientes em relação ao casamento. Era na Palestina da Idade Média do Bronze, e não a Palestina do Império Egípcio.

A situação dos direitos legais da mulher israelita era então diferente da mulher escrava. Um homem poderia vender sua escrava ou até sua filha legítima (Ex 21,7), mas não poderia vender a sua esposa, ou nem mesmo aquela esposa que houvesse sido cativa de guerra (Dt 21,14). O marido podia repudiar sua esposa, mas o documento e repúdio a protegiam e lhe restituíam a liberdade. O provável é que depois do repúdio, a mulher recebesse apenas o usufruto do marido, mas também uma parte do *mohar* que veio com ela, por meio de seus pais (Jz 15,19; Jz 1,15). (MARINGOLI, 2014 p.98).

A estima dos parentes pela mulher sempre era maior quando a mesma gerava filhos o que gerava herdeiros para a posteridade (Gn 16,4; 29,31; 30,24); se fosse menino, o respeito de seu marido aumentava, pois o menino tinha o direito da herança da terra e de preservar a família pela progenitora. A lei condenava tanto o homem como a mulher, pela falta de filhos (Ex 21,17; Lv 20, 9; Dt 21, 18-21) e o decálogo insiste no respeito aos pais (Ex 20,12), essa orientação é repassada nos escritos dos livros sapienciais, como os de Provérbio. No código de Hamurabi (1700 a.C.), marido não poderia tomar uma segunda mulher a não ser em caso de esterilidade da primeira.

A mulher estéril era quem arrumava uma concubina escrava para o seu marido. A esposa titular era única e só ela possuía o direito de esposa. Segundo Ana M. Tepedino, as mulheres fazem com que as histórias aconteçam tanto no presente quanto no passado ou em qualquer lugar que estejam. No Oriente, em geral, segundo a autora, havia uma mentalidade bastante preconceituosa em relação à mulher, e em muitos textos bíblicos, muitas vezes, nem o nome do personagem feminino é citado. (MARINGOLI, 2014, p.98).

Em outras situações, como no caso da mulher samaritana o nome da pessoa não é mencionado explicitamente, por se encontrar inserido no coletivo, iguais aos das citações: “povo”, “multidão”, “discípulos” e outros. Ivoni Richter Reimer [...] comenta em uma de suas palestras que existem maneiras de se fazer a história se calar e uma delas é mencionar alguém rapidamente e se centrar então em pessoas e acontecimentos aparentemente mais importantes. (REIMER, 2008)¹. Para encobrir a história verdadeira será através da interpretação da história tradicional.

A história interpretativa de um texto pode silenciar ou deixar de perguntar por algum elemento pertencente a ela. Nesse sentido, essa herança acaba legitimando na história o poderio do homem sobre a mulher. A teologia feminista tem uma leitura

1 Reimer Ivoni Richter, Tema: Jesus e a tradição das transgressoras, II Congresso Internacional de Estudos Bíblicos, PUC, São Paulo, 2008.

própria de natureza alternativa que se constitui como uma intervenção política, religiosa, mas que vivenciada muito mais nos meios acadêmicos que nas próprias ruas. É uma teologia que dialoga e provoca um enfrentamento de luta nos valores e verdade, com os seus discursos opostos a essa opressão *kyriarcal*. (MARINGOLI, 2014, p.97).

Fiorenza comenta que as pesquisas hermenêuticas bíblicas no viés feminino ainda são interpretativas do que linguísticas, havendo a necessidade de se fazer uma pesquisa histórico-exegéticas das narrativas. (FIORENZA, 1992).

Sob o ponto de vista social, jurídico e político, a mulher em Israel e na circunvizinhança possuía menos privilégios que as mulheres dos grandes países vizinhos. Poucas foram as mulheres que se destacaram e que tiveram uma identidade algumas as conhecemos pelo seu nome Miriam, as parteiras do Êxodo, Débora, Rute e a Sulamita são alguns dos poucos exemplos de prestígio e identificação feminina.

No Egito, a mulher comumente aparece com os mesmos direitos de um chefe de família. Na Babilônia, quando no cativeiro a mulher judia passou a adquirir posses, agir judicialmente e ter partes na herança de seu marido. Na colônia de Elefantina, sob a influência estrangeira, a mulher judia adquiriu direitos de representar o seu *bet 'ab* na assembleia. Na Babilônia ela podia adquirir posses, agir judicialmente e ter partes na herança de seu marido. E, ao mesmo tempo, essas mesmas mulheres constituíam, por vezes, uma ameaça, quer em uma apostasia externa, quer na liderança interna, como é o exemplo da mulher cuxita, esposa de Moisés, que suscitou a ira dos irmãos de Moisés, Mirian e Arão por ser uma estrangeira e idólatra. Estes consideravam o casamento de Moisés com uma cuxita uma ligação sexual fora da vontade de Deus (Nm 12,1-5). Um israelita ligado a uma estrangeira era severamente condenado às maldições com pragas e doenças. Entretanto, Mirian, quando contestou a liderança e autoridade de Moisés, foi desvestida das suas funções de liderança e punida com uma doença. Mesmo assim, o campo da história das mulheres e das relações de gênero mantém-se como “um campo” na história.

No Oriente Próximo não era comum, que uma mulher andasse sozinha por uma questão de precaução dos muitos casos de abusos sexuais e estupro como os citados no livro de Juízes no Antigo Testamento, as mulheres quando se dirigiam para realizar qualquer tarefa doméstica como os exemplos da mulher samaritana, que era retirar água do poço, caminhavam em pequenos grupos ao irem buscar água. (Gn 29.10). É intrigante pensar uma mulher sob o sol escaldante ir ao poço para buscar água sozinha.

Pedir água a essa mulher seria um flerte? Com certeza não naquelas paragens. Isaque e Jacó ficaram conhecendo suas mulheres junto a poços (Gn 29.10), mas através do servo de Abraão, o Eleazar. A noção importante (Jo 4,10) desse versículo é o significado de “o dom de Deus” para alguns biblistas esse “dom” é a “água viva” que Jesus oferecia à mulher, a água espiritual que lhe daria a vida eterna (Jo 4,14). Havia um confronto racial entre eles e foi desta maneira que a mulher avaliou esse encontro com Jesus. Para as leis judaicas Jesus, judeu, não poderia tocar a comida e até mesmo a vasilha que ela carregava que eram consideradas impuras. Foi com essa mulher impura e estigmatizada que Jesus abriu um diálogo. Acaso tu és maior do que nosso Pai Jacó que nos deu o poço, do qual ele mesmo bebeu e, bem assim, seus filhos e seu gado.? Que audácia da mulher ao comparar Jesus com Jacó ela entende que Jacó iniciara naquele local um povo fundante e Jesus queria uma só nação e uma só raça.

3 VIDA E A CONVERSÃO DA SAMARITANA

Não tenho marido, Jesus se admira da resposta da mulher, frase que demonstra vergonha e Ele não a quis envergonhar, mas precisa mostrar a gravidade do assunto a ser revelado. Vai buscar teu marido- Eu não tenho marido! A experiência da coragem de ser apesar da angústia de não ser! Dissestes a verdade, esse que tem não é seu. Esse é o que te oprime. Parece-nos que na frase esse não é seu marido está embutido o conselho de Jesus que quer dizer que esse marido não é bom para você, porque ele não lhe cuida, não zela por sua vida humana nas suas necessidades, não é seu cúmplice e nem lhe protege. Jesus introduz a mulher, um sujeito isolado e discriminado, demonstrando a presença desses novos sujeitos, no cristianismo e sugerindo a inserção de novos conceitos bem como de novas abordagens para esse novo modelo religioso.

A mulher estava em crise, cinco maridos - senhores (baal), com os quais ela foi casada, no grego a palavra está como “marido” e não amante, ela não foi uma concubina, mas “esposa” desses cinco maridos com quais ela fez uma aliança de casamento e que a tripudiaram por muito (o) tempo, talvez por setecentos anos e o atual não era seu governo, não era responsável por cuidar e tratar dela, não era o esposo, mas era o poder militar dos romanos.

Quem são os cinco maridos? Como foi dito, a situação dos direitos legais da mulher israelita era então diferente de uma mulher que fosse uma escrava. Um homem poderia vender sua escrava ou até sua filha legítima (Ex 21,7), mas não poderia vender a sua esposa, ou nem mesmo aquela esposa que houvesse sido cativa de guerra (Dt 21,14). O marido podia repudiar sua esposa, mas o documento e repúdio a protegiam e lhe restituíam a liberdade. O provável é que depois do repúdio, a mulher recebesse apenas o usufruto do marido, mas também uma parte do *mohar* que veio com ela, por meio de seus pais (Jz 15,19; Jz 1,15). Paralelamente, o exército assírio invadia e conquistava cruelmente as nações circunvizinhas espoliando-as e dominando-as à escravidão.

A ação militar da Assíria e o cerco de Samaria dura por três anos e meio sob o reinado do rei Salmaneser, que sujeitou até a queda do reino do Norte no ano nono do reinado de Oseias rei de Israel. O rei da Assíria após ter implantado a sedimentação das muitas raças e religiões em Samaria mandou buscar gente da Babilônia, (primeiro marido) Cuta (segundo marido) Ava (terceiro marido) Hamate (quarto marido) e Sefar (quinto marido) e fez com que se estabelecessem nas cidades de Samaria, em lugar dos Israelitas, e eles tomaram posse de Samaria e habitaram em suas cidades (2Rs 17,24). Uma centralidade matrimonial aparece. Babilônia, (primeiro marido) Cuta (segundo marido) Ava (terceiro marido) Hamate (quarto marido) e Sefar, são os cinco maridos da Samaria que parece ainda estar de insatisfeita com suas relações conjugais, Samaria quer a oportunidade de saciar a sede. Poucos deuses não bastam e então, “cada nação fabricou para si os seus próprios deuses e os colocou nos templos dos lugares altos, que os samaritanos haviam feito; assim fez cada povo nas cidades em que habitou” (2Rs 17,29-32). Desde 722 a.C. aos romanos e até conhecer Jesus, Samaria foi dominada por uma falsa religiosidade o que a fez permanecer isolada da religião judaica. Samaria abandonara o Deus de Israel e por ter sido dominada por forças invasoras territoriais havia corrido atrás de outros deuses. Depois mandou o rei de Assíria buscar um sacerdote dos que haviam sido exilados para ensinar como esses estrangeiros deveriam adorar o Deus da terra.

4 QUEM SÃO OS CINCO MARIDOS

O Método Histórico-Crítico é um método de estudo exegético para a interpretação dos textos bíblicos que pretendia ser isento de pressupostos. A ciência moderna usa o método como ferramenta para análise literária visando se aproximar do texto original. Dessa forma, este método retirou da Bíblia o status de texto sagrado, tornando-o uma coleção com o testemunho do povo antigo de Israel e dos cristãos do primeiro século, sujeito a críticas como qualquer outro texto².

Essas ciências têm como tarefa auxiliar o entendimento do texto respeitando sua cultura. Uwe Wegner define que a exegese possui três funções: a primeira é aclarar as situações descritas nos textos, ou seja, redescobrir o passado bíblico de tal forma que o que foi narrado nos textos se torne transparente e compreensível para nós que vivemos em outra época e em circunstâncias diferentes; a segunda é permitir que pudesse ser ouvida a intenção que o texto teve em sua origem; e a terceira função da exegese é verificar em que sentido opções éticas e doutrinárias. (WEGNER, 2009).

Os cinco maridos não são homens humanos, mas são os povos das terras distantes, são as cinco nações que invadiram a nação de Israel. Nações que por doze séculos roubaram, abusaram sexualmente das mulheres, mataram a espada homens crianças e mulheres. O texto de 2Rs 17,24, ilumina a questão. Povos que invadiram a Samaria e a sitiaram tomando-a à força e alterando-a em seus valores. Babilônia, (primeiro marido) Cuta (segundo marido) Ava (terceiro marido) Hamate (quarto marido) e Sefar (quinto marido). O redator do texto não poderia expressar de maneira melhor para simbolizar o abuso que Samaria sofreu fazendo-a passar por uma mulher.

Cada nação edificou para si colocando os seus deuses nos montes que os samaritanos tinham como sagrado. Assim procedeu cada povo adorando segundo a sua cultura. Foi assim formado o sincretismo religioso em Samaria, até os tempos de Jesus. Eles temiam a Yahweh, mas nomeavam qualquer religioso que se prontificasse a servir como sacerdotes nos altares idólatras” (2Rs 17,28-32). Como ensinar sobre a unidade do amor de Deus? Então, Jesus retoma o diálogo e explicando à mulher que “Mulher, podes crer-me, está próxima a hora quando nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o Pai”. Durante a conversa a mulher demonstra certa dúvida ao afirmar: “Nossos pais adoravam sobre este monte, mas vós, judeus, dizeis que Jerusalém é o lugar onde se deve adorar”. E Jesus lhe responde: “Vós adorais o que não conheceis; nós adoramos o que conhecemos, porque a salvação vem dos judeus. Mas a hora está chegando, e de fato já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai, em espírito e em verdade; pois são esses que o Pai procura para seus adoradores. Deus é espírito, e é necessário que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade”. A prioridade de Jesus é restaurar o Reino de Deus na Terra. Instituir o Reino de Deus é uma ação humana, e feita de forma individual de um em um, nada massificado ou em produção de série. A implantação do Reino de Deus por sua voz e participação vem acompanhada por um ensino que tem como propósito produzir a cura física, mental e espiritual e uma didática com uma metodologia. No Antigo Testamento (Is 44,3; Ez 36,25), temos passagens que nos citam o Espírito de Deus sendo derramado como água para ungir o povo na implantação do Reino de Deus capacitando o povo a falar em seu nome.

2 Fee Stuart (1984, p.245) in Lopes (2004, p.189).

CONSIDERAÇÕES GERAIS

No desafio de um estudo sobre a narrativa da mulher samaritana o artigo optou por pesquisas realizadas por biblistas feministas porque para esse grupo de pesquisadoras é fundamental interpretar a Bíblia a partir de uma visão que respeite as relações de gênero dentro do que ele representa na história e no tempo, e para isso o auxílio da exegese e o método histórico-crítico são imprescindíveis.

Os samaritanos eram um povo de religião heterodoxa que desprezada pelos judeus acolhem os ensinamentos de Jesus destituindo todo outro tipo: templo, sincretismo religioso, culto, simbolismos e substituindo a relação com o Espírito. É sobre isso que Jesus conversa com os discípulos, sobre a comida, a colheita abundante e sobre a fé dos rejeitados e excluídos samaritanos.

Nas narrativas bíblicas é comum encontrar um perfil androcêntrico. Por outro lado, as interpretações hermenêuticas dos primeiros pais da igreja dessas narrativas viam a figura feminina de maneira estereotipada, evidenciando estruturas que relegavam as mulheres a uma posição de segundo plano como aquela que engana, como “Eva” no livro de Gênesis (Gn 3,1-7) adultera a palavra sendo ela a pecadora, ou como as filhas de Ló que embriagam o pai no intuito de procriarem (Gn 19,30-35) ou o exemplo de Maria Madalena (Lc 8,1-2) muitos outros exemplos poderiam ser citados. Androcentrismo que apresentavam as mulheres por meio de narrativas que as concebiam como invisíveis, insignificantes e marginalizadas. Entretanto, em Jesus as mulheres silenciadas ganharam vozes e deixaram suas mensagens de maneira por vezes metafóricas como no caso da mulher samaritana. Narrativa que discute o poder majoritário de forças invasoras sobre uma nação fraca.

Profundamente ligado à história social e cultural de cujas perspectivas tem se apropriado e ao mesmo tempo para cujas discussões teórico-metodológicas tem grandemente contribuído, conforme admitem historiadores e cientistas sociais. Talvez porque a violência contra a mulher seja sustentada por estruturas multiplicadoras de controle opressoras e desumanas.

A implicação nessa associação de gênero à herança das culturas judaico-cristãs europeias, na leitura dos textos, cultura que centralizam na sociedade o antropocêntrico e a visão dicotômica e biológica de homens e mulheres como seres socialmente diferentes no poder de decisão. Nesse sentido, a mulher samaritana cuja voz soa através da história e dos séculos como um grito que ecoa “eu sou livre” carrega na sua bagagem a força libertadora do cristianismo de Jesus, que relembra que o Deus encarnado acolheu o fraco incluindo-o como igual, conversou e dialogou com “ela” ouvindo-a e instruindo-a não o com os homens, mas com ela. Durante muito tempo as mulheres não foram consideradas sujeitos da história e, portanto, estiveram excluídas das narrativas dos historiadores ou quando usadas por essa era de uma forma pejorativa e segregativa. Livro do profeta Oseias é um desses exemplos. Felizmente o panorama da historiografia por Jesus parece ter mudado. Jesus, igual aos redatores do Antigo Testamento metaforiza simbolicamente com a mulher, mas diferentemente desses ele restaura a dignidade simbólica do gênero. Para alguns estudiosos trata-se de uma metáfora. Jesus queria tratar de um assunto político religioso que se arrastava por sete séculos de história dos samaritanos e essa miscigenação racial separava os judeus dos samaritanos de uma maneira segregativa. Jesus queria resolver essa peleja e diplomaticamente ele toma uma mulher como exemplo e a usa como um símbolo para o seu ensino.

A mulher não representa o gênero feminino, mas sim a nação de Samaria. Jesus não estava falando do ser humano de gênero feminino, mas está explicando sobre o

comportamento das muitas alianças erradas feitas pelo povo de Samaria. Jesus o único que poderia restaurar Samaria realiza esse feito para que mais tarde ao dizer: Indo, por todo o mundo ensinando os a guardar tudo o que vos tenho dito a começar por Jerusalém, Judéia Samaria e confins da Terra. Se Samaria não houvesse sido restaurada por Jesus o seu método restaurativo e inclusivo de conviver com o diferente nunca teria chegado até nós.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Gilvan Leite de. Jesus e a Samaritana. *Revista de Cultura Teológica*, n.87, p.231-249, 2016. Acesso em 15 de julho de 2023.
- BORTOLINI, José. *Como ler o Evangelho de João: o caminho da vida*. Paulus: São Paulo, 1990.
- BRENNER, Athalya. *Gênesis a partir de uma leitura de gênero*. Trad. Fátima Regina Durães Marques. São Paulo: Paulinas, 2000.
- CAPOSSA, Romão Felisberto Joaquim. *A mulher na comunidade do Discípulo Amado e sua dinâmica*. 2006.162f. Dissertação (Mestrado). Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia - Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2006.
- FIORENZA, Schüssler Elizabeth. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. Paulinas: São Paulo, 1992
- KONINGS, Johan. *Evangelho Segundo João: amor e fidelidade*. Petrópolis: Vozes, São Leopoldo: Sinodal, 2000.
- MARINGOLI Ângela. *Rute Sofrimento do Tempo Presente*. Ed. Fonte Editorial. São Paulo, 2014.
- MEYERS, Carol L; TRIBLE, Phyllis. A mulher na Bíblia. *Estudos Bíblicos*, vol. 20. Petrópolis. Vozes, 1988.
- SCHWANTES, Milton. *História de Israel – Local e origem*. São Leopoldo, Faculdade de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana, 1984, (série exegese 7).
- SILVA, Airton José da. *Leitura sociológica da Bíblia*. Estudos Bíblicos. Petrópolis/ São Leopoldo, Vozes/Sinodal, 1991.
- TEPEDINO Ana Maria. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990.
- WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. São Leopoldo: Sinodal, 2009.